

*MEDITAÇÕES*  
*DOMINGOS DE S. JOSÉ*



EDITADO POR 

**MEDITAÇÕES  
DOMINGOS DE S. JOSÉ**

**FONTE DOS TEXTOS E IMAGEM**

[opusdei.org/pt-pt](http://opusdei.org/pt-pt)

## **Meditações Domingos de S. José**

1º domingo de São José

2º domingo de São José

3º domingo de São José

4º domingo de São José

5º Domingo de São José

6º domingo de São José

7º domingo de São José

8º 19 de março, São José

## 1º domingo de São José

*Primeira reflexão para meditar durante os sete domingos de São José. Os temas propostos são: a devoção dos sete domingos de São José; a missão do pai de Jesus; padroeiro da Igreja e da Obra.*

### Sumário

- A devoção dos sete domingos de S. José.
- A missão do pai de Jesus.
- Padroeiro da Igreja e da Obra.

---

QUANDO JESUS, durante o seu ministério público na Galileia, veio pregar na sinagoga da Sua própria cidade, todos «ficaram maravilhados» (Mt 13, 54). A atitude dos Seus conterrâneos fala-nos da impressão que causou aquele que tinham visto crescer nas suas praças e ruas: «De onde Lhe vem esta sabedoria e o poder de fazer milagres? Não é Ele o filho do carpinteiro? Não se chama Sua mãe Maria, e Seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? Suas irmãs não estão todas entre nós? De onde Lhe vem, pois, tudo isto?» (Mt 13, 55-56).

Unindo-se a essa santa curiosidade para saber mais sobre o ambiente familiar de Cristo, a tradição da Igreja identificou na Sagrada Escritura sete momentos cruciais da vida de S. José; são sete experiências suas nas quais, como é normal também para nós, se misturam a alegria e a dor, a alegria e o sofrimento. É por isso que em muitos lugares os sete domingos anteriores à festa são dedicados à meditação sobre essas passagens. Um dia, numa terra com especial devoção a S. José, alguém perguntou a S. Josemaria como se aproximar mais de Jesus: «Pensa naquele homem maravilhoso, escolhido por Deus para fazer de Seu pai na terra; pensa nas suas dores e nas suas alegrias. Fazes os sete domingos? Caso contrário, aconselho-te a fazê-los»<sup>[1]</sup>.

A devoção ao santo patriarca pode ser encontrada sobretudo na arte e na devoção ao longo do tempo nas várias instituições da Igreja. No século XVII, o Papa Gregório XV instituiu pela primeira vez uma festa litúrgica em seu nome. Mais tarde, em 1870, o santo Papa Pio IX nomeou S. José padroeiro universal da Igreja. A partir de então, Leão XIII dedicou uma encíclica ao santo patriarca e no centenário deste documento S. João Paulo II redigiu a exortação apostólica *Redemptoris custos*. Já no terceiro milénio, o Papa Francisco publicou também uma carta sobre S. José sob o título *Patris corde, Com coração de Pai*. Este interesse reiterado da Igreja, de maneira especial nos últimos tempos, pode renovar em nós uma atitude de gratidão, de admiração e pode levar-nos a que nos perguntemos: que lugar ocupa S. José no meu coração?

---

«JOSÉ, FILHO DE DAVID, não temas receber Maria, tua esposa, pois o que ela concebeu é obra do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, ao qual darás o nome de Jesus, porque Ele salvará o povo dos seus pecados» (Mt 1, 20-21). Desta forma tão simples, o anjo dissipa as dúvidas e temores de José. Não sabemos ao certo o que se passava no seu coração e na sua mente. Certamente não duvidava da inocência da sua esposa, pelo que o anjo lhe confirma o que talvez já sentisse na sua alma: ali havia algo de Deus. Na verdade, por meio do anjo, o próprio Deus lhe confia quais são os Seus planos e como conta com ele para realizá-los. José é chamado a ser o pai de Jesus; essa será a sua vocação, a sua missão.

«Que grandeza a figura silenciosa e oculta de S. José adquire, disse S. João XXIII, pelo espírito com o qual cumpriu a missão que lhe foi confiada por Deus. Pois a verdadeira dignidade do homem não é medida pelo brilho de resultados marcantes, mas pelas disposições internas de ordem e de boa vontade»<sup>[2]</sup>. O santo patriarca, apesar de estar ciente da importante e nobilíssima tarefa que lhe foi confiada pelo Senhor, chegou até nós como um exemplo de humildade e discrição. É no silêncio daquele «ocultar-se e desaparecer» que os planos divinos dão os seus maiores frutos.

Também agora, Deus continua a confiar em José para cuidar da Sua família, da Igreja e de cada um dos Seus filhos, com a mesma dedicação e ternura que faria com o Senhor. Um antigo aforismo judeu diz que um

verdadeiro pai é aquele que ensina a Tora – a lei de Deus – ao seu filho, porque é então que ele realmente o gera. S. José cuidou do Filho de Deus e, enquanto homem, introduziu-o na esperança do povo de Israel. E é isso que faz connosco: com a sua poderosa intercessão leva-nos a Jesus. S. Josemaria, cuja devoção a S. José cresceu ao longo da sua vida, disse que «S. José é realmente Pai e Senhor, protegendo e acompanhando no seu caminho terreno aqueles que o veneram, como protegeu e acompanhou Jesus enquanto crescia e se fazia homem»<sup>[3]</sup>.

---

«A IGREJA inteira reconhece S. José como seu protetor e padroeiro. Ao longo dos séculos tem-se falado dele, sublinhando diversos aspetos da sua vida, sempre fiel à missão que Deus lhe confiara. Por isso, desde há muitos anos, me agrada invocá-lo com um título carinhoso: *Nosso Pai e Senhor*»<sup>[4]</sup>. Este título é uma honra e uma responsabilidade. Juntamente com Maria, José alimenta, cuida e protege a família. E a Igreja, sendo a família de Jesus, tem S. José como padroeiro e protetor: «a Igreja, depois da Virgem Santíssima, esposa dele, teve sempre em grande honra e cumulou de louvores o Bem-aventurado José e, no meio das angústias, de preferência foi a ele que recorreu»<sup>[5]</sup>.

O Concílio Vaticano II fala em «investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida»<sup>[6]</sup>. É por isso que, como família, constantemente nos perguntamos o que o Senhor quer que aprendamos com cada situação e em cada encruzilhada. A intercessão dos Santos é uma ajuda do céu para descobrir Deus em todos os acontecimentos e tornar presente o Seu poder. S. José guia e guarda a Igreja neste caminhar.

E também S. José é padroeiro desta família que é a Obra. Nos primeiros anos, S. Josemaria recorreu especialmente a ele para tornar presente Jesus Sacramentado num dos primeiros centros de Opus Dei. Por sua intercessão, em março de 1935, foi possível ter o Senhor reservado no oratório da Academia-Residência DYA, da Rua Ferraz, em Madrid. Desde então, o fundador da Obra queria que a chave dos sacrários dos centros do Opus Dei tivesse uma pequena medalha de S. José com a inscrição *Ite ad Ioseph*; a

razão é lembrar que, assim como o José do Antigo Testamento o fez com o seu povo, também o santo patriarca nos tinha facilitado o alimento mais precioso: a Eucaristia.

Pedimos a José que continue a ajudar-nos a aproximar-nos de Jesus Sacramentado, que é o alimento de que se nutre a Igreja e *esta partezinha* que é a Obra. Assim o fez com Maria, em Nazaré, e assim também o fará, com Ela, nas nossas casas.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, Notas de uma Reunião Familiar, 15/09/1972.

[2] S. João XXIII, Rádio Mensagem, 01/05/1960.

[3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 39.

[4] *Ibid.*

[5] S. João Paulo II, *Redemptoris Custos*, n. 28.

[6] Concílio Vaticano II, *Gaudium et Spes*, n. 4.

## 2º domingo de São José

*Segunda reflexão para meditar durante os sete domingos de São José. Os temas propostos são: São José, pai amado; modelo de pai; patrono da família.*

### Sumário

- S. José, pai amado.
- Modelo de pai.
- Patrono da família.

---

NA ORAÇÃO pronunciada por Cristo em Getsémani, manifesta-se a proximidade e o poder de Deus: «*Abbá*, Pai, todas as coisas Te são possíveis!» (Mc 14, 35). Podemos pensar que, anos antes, Jesus Se dirigiu muitas vezes com essa mesma exclamação a José, seu pai na terra: *abbá*, papá. Por isso o Patriarca, na sua humanidade igual à nossa, é, em certo sentido, um ícone da paternidade de Deus. Assim o entendeu ao longo dos séculos a piedade popular e o fizeram também os artistas, representando S. José com um rosto idêntico ao do Pai.

S. Josemaria assinalava que Deus é o primeiro a amar de modo especialíssimo S. José. Deus, ao preparar um pai terreno para Jesus, de modo similar ao que tinha feito com Maria, escolheu um homem especial, justo, cuja santidade atraía os outros e enchia de paz o ambiente à sua volta. «A Sagrada Escritura diz-nos muito pouco acerca de S. José. Parece que tinha um empenho muito grande em passar oculto, e o Senhor concedeu-lhe essa virtude tão formosa (...). Imediatamente a seguir à Virgem, estou certo de que em santidade vem José. E S. José cuidou tanto de Maria e do Menino Deus que até a liturgia se mostra – como diria eu? – afetuosa... S. José está adornado de virtudes admiráveis. Seria encantador, e teria além disso um carácter cheio de fortaleza, de vigor e, ao mesmo tempo, de suavidade»<sup>[1]</sup>.

É muito significativo que, na genealogia de Jesus Cristo que nos descreve o Evangelho de S. Mateus, o fio de ligação entre gerações seja a paternidade: Abraão gerou Isaac, Isaac gerou Jacob, etc. Mas, ao chegar ao último elo, o evangelista quebra a sequência anotando: «Jacob gerou José, o esposo de Maria, da qual nasceu Jesus chamado Cristo» (Mt 1, 16). A paternidade cabe a S. José, não por ter gerado Jesus, mas por ser o esposo da Virgem Maria. S. José é um «pai que sempre foi amado pelo povo cristão»<sup>[2]</sup> justamente por ser o esposo amado da nossa Mãe. É a beleza e grandeza do matrimónio que fundamenta a sua paternidade. E aquele pai e esposo, querido por tantos fiéis, pode-nos perguntar: «Confias no meu desvelo por ti? Confias no desejo que tenho de te aproximar do amor de Deus?».

---

«JOSÉ, FILHO DE DAVID, não temas receber em tua casa Maria, tua esposa, porque o que nela foi concebido é obra do Espírito Santo. Dará à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus» (Mt 1, 20). Nestas breves palavras do evangelista podemos descobrir três coisas: primeiro, o carácter pessoal da escolha divina –que se manifesta no uso dos nomes próprios «José» e «Maria» –; depois, a relação que os unirá – «tua esposa» –; e, em terceiro lugar, a responsabilidade que Deus confere ao Patriarca – tu «lhe porás o nome» –. Na vida de Maria e de José tudo está em relação com Jesus, tudo está ordenado para Ele. Esse amor matrimonial traduz-se em olharem juntos para o seu filho para assim, como pai e mãe, participarem na obra da redenção. A maior parte dos cristãos vive a sua fé precisamente assim, dentro do matrimónio, já que se trata duma vocação, dum caminho para olhar e caminhar para Jesus Cristo.

Numa ocasião, uma mãe de família que tinha ficado viúva perguntou a S. Josemaria como preencher o vazio deixado pelo seu marido: «Sê muito devota de S. José –respondeu o fundador do Opus Dei–. S. José levou para a frente a família de Nazaré, e também levará para a frente a tua. Arranja uma imagenzinha de S. José, tem-lhe devoção, acende-lhe piedosamente uma luz de vez em quando, como as nossas mães, como as nossas avós: todas as antigas devoções são atuais, não há nenhuma que não seja atual»<sup>[3]</sup>. Já Santa Teresa, há séculos, animava todas as pessoas a confiar sem reservas em S. José: «Queria eu persuadir a todos que fossem devotos

deste glorioso santo, pela grande experiência que tenho dos bens que alcança de Deus»<sup>[4]</sup>.

O santo Patriarca, ao ter recebido a missão de educar o Filho de Deus, de levá-l'O pela mão para O acompanhar nos seus primeiros passos em tantos âmbitos da vida, pode ser um apoio para todas as famílias e para todo o apóstolo. S. José educou o Menino Jesus no modo de Se relacionar com as outras pessoas, no trabalho, na escuta da Sagrada Escritura, levando-O aos sábados à sinagoga... «A missão de S. José é sem dúvida única e irrepetível, porque Jesus é absolutamente único. E, todavia, protegendo Jesus, educando-O no crescimento em idade, sabedoria e graça, ele constitui um modelo para cada educador, e em especial para cada pai»<sup>[5]</sup>.

---

S. JOSÉ tem um papel próprio e insubstituível na configuração da Sagrada Família. «A Encarnação do Verbo numa família humana, em Nazaré, sensibiliza com a sua novidade a história do mundo. Precisamos de mergulhar no mistério do nascimento de Jesus, no SIM de Maria ao anúncio do anjo, quando a Palavra foi concebida no seu seio; e ainda no SIM de José, que deu o nome a Jesus e cuidou de Maria»<sup>[6]</sup>.

O Patriarca, por aquela singular chamada a constituir a família de Jesus, aprende a ser pai, colabora na preparação do Filho para o cumprimento da sua missão. Ao mesmo tempo, encontra-se permanentemente ao lado da sua esposa, apoiando-a na sua tarefa de ser mãe de Deus. Por isso S. José é também patrono do nascimento e do desenvolvimento das nossas famílias. «A família é, sem dúvida, uma graça de Deus, que deixa transparecer o que Ele próprio é: Amor. Um amor totalmente gratuito, que sustenta a fidelidade ilimitada, mesmo nos momentos de dificuldade e desencorajamento»<sup>[7]</sup>. S. João Paulo II indicava que o futuro da humanidade passa pela família porque ali, geralmente, desenvolvemos os fundamentos mais importantes para ter uma vida feliz, embora Deus também possa ter outros caminhos, já que cada pessoa é única. Por isso recorreremos especialmente a S. José, patrono da família, para que nos ajude a viver e a mostrar a sua beleza, segundo o modelo de Nazaré. «Não tenhamos medo de convidar Jesus para as bodas, de o convidar para vir à nossa casa, a fim de permanecer ao nosso lado e preservar a família. E não tenhamos receio de convidar também a sua

Mãe, Maria! Quando se casam “no Senhor”, os cristãos são transformados num sinal eficaz do amor de Deus. Os cristãos não se casam exclusivamente para si mesmos: casam no Senhor, a favor de toda a comunidade, da sociedade inteira»<sup>[8]</sup>. Recorremos diariamente a S. José, esposo da bem-aventurada Virgem Maria, com esta súplica: Deus fez-te pai e senhor de toda a sua casa; então, roga por nós!

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 10/07/1974.

[2] Francisco, *Patris corde*, n. 1.

[3] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 26/06/1974.

[4] Sta. Teresa de Jesus, *Livro da vida*, 6, 7.

[5] Francisco, Audiência Geral, 19/03/2014.

[6] Francisco, *Amoris laetitia*, n. 65.

[7] Bento XVI, Angelus, 28/12/2008.

[8] Francisco, Audiência Geral, 29/04/2015.

### 3º domingo de São José

*Terceira reflexão para meditar durante os sete domingos de São José. Os temas propostos são: S. José ensina Jesus; Jesus ouve a Lei da boca de José; José experimenta a ternura de Deus.*

#### Sumário

- S. José ensina Jesus.
- Jesus ouve a lei da boca de José.
- José experimenta a ternura de Deus.

---

VER COMO CRESCEM os filhos é uma das maiores alegrias que a vida oferece. S. José experimentou esse prazer ao ver que Jesus crescia «em sabedoria, em estatura e em graça diante de Deus e dos homens» (Lc 2, 52). A principal missão dos pais é preparar os filhos para que eles possam, a seu tempo, encontrar e levar em frente a sua própria missão. José, com terno cuidado, preparou Jesus nos seus primeiros passos na terra. Por isso, durante a sua vida oculta e durante a vida pública, «Jesus devia parecer-se com José no modo de trabalhar, nos traços do seu carácter, na maneira de falar. No realismo de Jesus, no seu espírito de observação, no seu modo de se sentar à mesa e de partir o pão, no seu gosto por falar dum modo concreto tomando como exemplo as coisas da vida corrente, reflete-se o que foi a infância e a juventude de Jesus e, portanto, a sua convivência com José»<sup>[1]</sup>.

«Com certeza, José terá ouvido ressoar na sinagoga, durante a oração dos Salmos, que o Deus de Israel é um Deus de ternura»<sup>[2]</sup>. E foi esta a sua atitude de pai com Jesus. Provavelmente, o santo patriarca não acompanhou o filho quando já eram visíveis algumas manifestações da chegada do Reino de Deus: quando numerosos discípulos O seguem, durante as curas milagrosas ou quando as multidões escutam as palavras de quem ele tinha visto crescer. S. José, pelo contrário, sempre permaneceu na discrição da educação familiar, nesse âmbito tão doméstico, tão escondido, mas ao

mesmo tempo tão fecundo e cheio de amor. Os frutos daqueles anos não tardaram a chegar: «Esse Jesus que é homem, que fala com o sotaque de uma determinada região de Israel, que se parece com um artesão chamado José, esse é o Filho de Deus. E quem pode ensinar alguma coisa a Deus? Mas é realmente homem e vive normalmente: primeiro como menino; depois, como rapaz que ajuda na oficina de José; finalmente como homem maduro, na plenitude da idade»<sup>[3]</sup>. A ternura de José continua viva através daquele Filho que cresceu sob o seu teto e que tanto se lhe parece.

---

O ENSINO da Lei de Moisés era obrigação e privilégio do pai de família. Por isso, foi José que teve a especial tarefa de ensinar ao Messias a história de Israel e a fé da Aliança. Maria e o seu marido viam que Jesus era uma criança como tantas outras, mas sabiam, ao mesmo tempo, que todo o mistério de Deus habitava naquele menino. A eles foi confiada a responsabilidade de pôr o nome de «Jesus» à Segunda Pessoa da Santíssima Trindade encarnada e de o educar na tradição do povo eleito. O profeta escreve: «Quando Israel era ainda menino,

Eu amei-o, e chamei do Egipto o meu filho (...). Fui para eles como os que levantam uma criancinha contra o seu rosto; inclinei-me para ele para lhe dar de comer.» (Os 11,1-4). Se a tradição cristã viu neste oráculo a referência a Cristo, também se pode ver uma referência a Maria e a José. O amor de Deus a Israel compara-se ao amor de um pai e de uma mãe pelo filho. Era Deus quem cuidava sempre de seu Filho, mas fazia-o através da Sagrada Família; é Deus quem ensina, mas através dos homens.

Um menino pequeno em Israel passaria a maior parte do tempo a brincar com outras crianças da sua idade na rua ou nas praças. «As praças da cidade ficarão cheias de meninos e meninas que brincarão nelas» (Zc 8, 5), diz o profeta; e o Senhor fala das crianças que estão sentadas nas praças (cf. Mt 11, 16). A vida em Nazaré era uma vida ao ar livre. Neste contexto, os pais transmitiam aos filhos os primeiros rudimentos da educação na fé: «Ouve, meu filho, as instruções de teu pai e não desprezes os ensinamentos de tua mãe, pois serão uma coroa de adorno para a tua cabeça e um colar para o teu pescoço» (Pr 1, 8). Jesus Menino gravava no seu coração os ensinamentos de José e as instruções de Maria. Esses ensinamentos que S.

José transmitia ao filho são o que hoje chamamos «catequese familiar», a transmissão da fé, tanto vivida como em palavras. «A família deve continuar a ser o lugar onde se ensina a perceber as razões e a beleza da fé, a rezar e a servir o próximo»<sup>[4]</sup>. Esse clima familiar é onde Deus, imperceptivelmente, entra a fazer parte da vida dos filhos; aquelas primeiras orações e manifestações de piedade que herdámos permanecem para sempre no mais profundo da nossa alma.

---

NOSSA SENHORA e S. José não só ensinaram a Cristo os costumes e a Lei de Moisés, mas, descobrindo no seu Filho o mistério de Deus, aperceberam-se de que eles próprios aprenderiam muito com Jesus. O evangelista S. Lucas repete duas vezes que Maria guardava e meditava os acontecimentos e as palavras do Filho no seu coração. Que importância tem saber ver e escutar, tal como a Virgem Santíssima e o seu esposo José o fizeram!

Quantas vezes, ao ver Jesus, o santo patriarca se terá maravilhado ao pensar: que bom é Deus! Que amável e meigo! Que paciente e próximo de nós! A paciência e a compreensão são características fundamentais que todo o pai – e, de modo geral, todos os professores – deve ter, especialmente perante os defeitos próprios e os dos outros, pois «devemos aprender a aceitar, com profunda ternura, a nossa fraqueza. O Maligno faz-nos olhar para a nossa fragilidade com um juízo negativo»<sup>[5]</sup>. Pelo contrário, devemos descobrir, uma e outra vez, o que há de positivo em nós e nos outros, pois é assim que Deus se aproxima da nossa vida: «A Verdade vinda de Deus não nos condena, mas acolhe-nos, abraça-nos, ampara-nos, perdoa-nos. A Verdade apresenta-se-nos sempre como o Pai misericordioso da parábola: vem ao nosso encontro, devolve-nos a dignidade, ergue-nos»<sup>[6]</sup>. Não há nada que anime mais a melhorar o comportamento do que o alento, a palavra amável, a compreensão perante a debilidade.

S. José aprendeu de seu filho, que era Deus, a ver o mundo com compaixão e ternura. Dizia S. Josemaria: «Jesus tinha um grande carinho por S. José; Maria era a sua Mãe, a quem amava com loucura. Pois vamos ter uma grande devoção a S. José, uma devoção terna, delicada, fina, afetuosa. Chamamos-lhe nosso Pai e Senhor: pois recorramos a ele como

filhos, constantemente! E, por ele, à Virgem Maria, dialogando com os dois. Já vistas essas representações da Sagrada Família com o Menino no centro, a Virgem Maria à direita e S. José à esquerda, de mãos dadas? Pois agora somos nós que damos a mão a Maria e a José, e assim nos levarão até Jesus»<sup>[7]</sup>.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 55.

[2] Francisco, *Patris corde*, n. 2.

[3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 55.

[4] Francisco, *Amoris laetitia*, n. 287.

[5] Francisco, *Patris corde*, n. 2.

[6] *Ibid.*

[7] S. Josemaria, Notas de uma reunião de família, 27/09/1973.

## 4º domingo de São José

*Quarta reflexão para meditar durante os sete domingos de São José. Os temas propostos são: como S. José obedece; o recolhimento necessário para ouvir Deus; com a sua obediência, antecipa a de Jesus.*

### Sumário

- Como S. José obedece.
- O recolhimento necessário para ouvir Deus.
- Com a sua obediência, antecipa a de Jesus.

---

DEPOIS DA ANUNCIACÃO do anjo a Maria, a tradição cristã identificou uma anunciação semelhante a José: «Filho de David, não temas receber Maria, tua esposa, pois o que ela concebeu é obra do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, ao qual darás o nome de Jesus, porque Ele salvará o povo dos seus pecados» (Mt 1, 20-21). O santo patriarca estava «sempre pronto a cumprir a vontade de Deus manifestada na sua lei e através de quatro sonhos»<sup>[1]</sup>.

O facto de José ter escutado os desígnios divinos enquanto dormia, e rapidamente os pôr em prática, fala-nos da sua sintonia permanente com Deus; é uma manifestação de que a vida contemplativa leva-nos normalmente a descobrir os bons planos do Pai e a querer associar-nos a eles de maneira magnânima. Esta maneira de proceder é o fundamento da obediência ao Senhor. Na verdade, a palavra “obedecer” provém precisamente dessa capacidade de escutar – *ob audire* –, dessa capacidade de ouvir com inteligência o que o outro tem para me dizer; neste caso, é Deus quem introduz José na grandeza da sua obra misericordiosa de salvação.

Por isso, a obediência está longe de ser um cumprimento cego. Um requisito para obedecer, em toda a sua riqueza, é saber escutar, ter o espírito aberto; só quem pensa pode ser obediente. S. Josemaria refletia nestes

termos durante uma homilia de 1963: «A fé de José não vacila, a sua obediência é sempre estrita e rápida. Para compreender melhor esta lição que aqui nos dá o Santo Patriarca, é bom que consideremos que a sua fé é ativa e que a sua obediência não se parece com a obediência de quem se deixa arrastar pelos acontecimentos. Porque a fé cristã é o que há de mais oposto ao conformismo ou à falta de atividade e de energia interiores. José abandonou-se sem reservas nas mãos de Deus, mas nunca deixou de refletir sobre os acontecimentos, e assim recebeu do Senhor a inteligência das obras de Deus, que é a verdadeira sabedoria»<sup>[2]</sup>.

Nas páginas do Antigo Testamento encontramos várias vezes que Deus fala em sonhos; acontece, por exemplo, com Adão, Jacob ou Samuel. São testemunhos de pessoas que desejaram estar em constante diálogo divino, deixaram que Deus lhes falasse em todas as circunstâncias. E esses sonhos são também um sinal de que, através da obediência autêntica, seremos capazes de apreender novas dimensões da existência, novos nomes, lugares e planos

---

SABEMOS QUE DEUS nos fala; sabemos que está ao nosso lado e que nos convoca constantemente para que nos unamos ao Seu amor – com tudo o que somos – através de situações muito concretas. O Senhor dirige-Se a nós todos os dias, a cada momento, por meio das pessoas à nossa volta e dos acontecimentos pelos quais passamos. Em tudo se esconde uma parte do plano divino que podemos descobrir e desenvolver pessoalmente. Uma oração que Jesus repetia pelo menos duas vezes ao dia, segundo os ensinamentos judaicos, era a oração *Shemá Israel*, que começa assim: «Escuta, Israel: o Senhor é nosso Deus» (Dt 6, 4). Então e agora, o mais importante é perceber aquela voz divina que nos chama. «S. José, como nenhum outro homem antes ou depois dele, aprendeu de Jesus a estar atento para conhecer as maravilhas de Deus, a ter a alma e o coração abertos»<sup>[3]</sup>.

Para ouvir a voz de Deus, devemos aprender a fazer silêncio, especialmente por dentro. A Sagrada Escritura diz-nos que o profeta Elias não escutou o Senhor com o vento forte, nem com o terramoto, nem com o fogo, mas sim com «o sussurro de uma brisa suave» (1Rs 19, 12). A vida de oração requer que silenciemos as vozes que nos distraem para podermos

escutar Deus e também a nossa voz interior, para compartilharmos ali os nossos desejos ou capacidades. Nessa intimidade descobrimos quem somos, aprendemos a dialogar com a voz de Deus e a identificarmo-nos com ela.

Os evangelistas não nos deixaram registo de nenhuma das palavras pronunciadas por S. José, mas conhecemos as suas ações, que são fruto da obediência a Deus, daquela escuta inteligente e desse diálogo na intimidade da sua alma. «O silêncio de S. José não manifesta um vazio interior mas, pelo contrário, a plenitude de fé que ele traz no coração, e que orienta todos os seus pensamentos e todas as suas ações»<sup>[4]</sup>. Essa atitude do patriarca foi o que possibilitou a Deus guiar o rumo da sua vida a partir desses quatro sonhos. O recolhimento e a sensibilidade de José para detetar os planos divinos permitiram-lhe proteger Maria e Jesus dos perigos e conduzi-los a lugares mais seguros. Também nós podemos promover esta atitude de silêncio e escuta para aproximar a nossa vida da voz e dos projetos de Deus.

---

S. JOSEMARIA gostava de dizer que no Novo Testamento existem duas frases que, em poucas palavras, resumem o que foi a vida de Jesus. Por um lado, S. Paulo diz-nos que Jesus foi «obediente até a morte e morte de cruz» (Fl 2, 8); por outro lado, o Evangelho de S. Lucas diz que Jesus «voltou para Nazaré e era-lhes submisso» (Lc 2, 51), referindo-se ao Seu crescimento na casa de Maria e José. Em ambas as passagens, notamos que o Senhor realizou o Seu plano de salvação obedecendo a Deus Pai e à Sua família terrena por amor. S. João Paulo II observou que «esta obediência nazarena a Maria e a José ocupa a quase totalidade dos anos que Ele viveu na terra, e constitui, assim, o período mais longo da total e ininterrupta obediência(...). À Sagrada Família pertence, deste modo, parte importante do mistério divino, cujo fruto é a redenção do mundo»<sup>[5]</sup>.

É no ambiente familiar, com as pessoas com quem convivemos todos os dias, onde aprendemos a escutar e obedecer, dentro dos desígnios de amor de Deus. Aí todos estão em sintonia porque cada um procura sinceramente o bem do outro. Na família experimenta-se o serviço mútuo, aprendemos a escutar, a descobrir o que é melhor para todos. A obediência é fruto do amor. Podemos imaginar com que delicadeza José daria instruções a Jesus. E, ao mesmo tempo, podemos pensar como o Verbo encarnado desejaria

compreender e realizar, grata e gostosamente, o que o Seu pai terreno dizia. Na realidade «os três membros desta família ajudam-se uns aos outros a descobrir o plano de Deus. Eles rezavam, trabalhavam, comunicavam»<sup>[6]</sup>.

Jesus terá visto tantas vezes o modo de proceder de José nos anos de Nazaré: um homem obediente pela fé. O santo patriarca obedeceu e, desta forma, antecipou a obediência de Jesus até à cruz. A Sagrada Família é uma escola onde podemos aprender que escutar Deus e associar-nos à Sua missão são duas faces da mesma moeda. Assim compreenderemos «a fé de S. José: plena, confiante, íntegra, manifestando-se numa entrega real à vontade de Deus, numa obediência inteligente»<sup>[7]</sup>.

---

## NOTAS

[1] Francisco, *Patris corde*, Introdução. Os quatro sonhos referem-se a não ter medo de receber Maria como esposa; à fuga para o Egito para salvar a vida de Jesus; ao regresso a Israel; e, por fim, ir a Nazaré para proteger o Menino do Rei da Judeia.

[2] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 42.

[3] *Ibid.*, n. 54.

[4] Bento XVI, Angelus, 18/12/2005.

[5] S. João Paulo II, Angelus, 30/12/1979

[6] Francisco, Angelus, 29/12/2019.

[7] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 42

## 5º Domingo de São José

*Quinta reflexão para meditar durante os sete domingos de São José. Os temas propostos são: José acolhe os planos divinos; descobrir Deus na realidade diária; a coerência do modo de fazer de Deus.*

### Sumário

- José acolhe os plano divinos.
- Descobrir Deus na realidade diária.
- A coerência no modo de fazer de Deus.

---

A VIDA COMUM é cheia de ocasiões e decisões que marcam um determinado rumo, e algumas delas de importância transcendente para o nosso futuro. Se habitualmente precisamos de pesar as coisas na presença de Deus, ainda mais nessas situações especiais. «José, filho de David, não temas receber Maria, tua esposa» (Mt 1, 20), disse o anjo ao patriarca. O Evangelho de S. Mateus diz-nos que José refletiu sobre o que estava a acontecer, na sua oração, para ver como atuar. Isso torna possível que se nos apresente como «figura de homem respeitador, delicado que, mesmo não dispondo de todas as informações, se decide pela honra, dignidade e vida de Maria. E, na sua dúvida sobre o melhor a fazer, Deus ajudou-o a escolher, iluminando o seu discernimento»<sup>[1]</sup>.

Santa Maria concebeu Cristo pela fé, porque aceitou os desígnios do Senhor, acreditou que as palavras ditas pelo anjo se cumpririam. Podemos aplicar o mesmo raciocínio a S. José, que também aceitou o que de Deus lhe foi comunicado. O santo patriarca confiou nessas palavras e esteve pessoalmente envolvido no que lhe foi anunciado. Fez seu o plano de Deus, confiando que era algo bom, não só para a humanidade em geral, mas também para si mesmo: via-se feliz naquela história; tornou-se o plano que ele queria executar. Em linguagem comum, dizemos que a reprodução de uma obra de arte é «fiel» quando reflete o projeto original do artista. Mas Deus relaciona-se com as criaturas que têm uma autêntica liberdade; a arte,

então, está em aprender ao longo da nossa vida a aceitar os Seus planos e em reconhecer neles uma bondade para nós e para aqueles que nos rodeiam.

S. José atua em situações normais: no trabalho, na família, na vida quotidiana... e é aí que aprende a acolher e a fazer da vida o dom de Deus. Essa atitude é necessária para todos os cristãos. Podemos pedir ao santo patriarca que renove o nosso olhar e o nosso coração para ter a frescura de nos abirmos aos dons e planos divinos.

---

TODOS SOMOS chamados a formar lares que, imitando o de Cristo, abram bem as portas. Acolher é ter a coragem de receber com ternura, reconhecer o que é bom, promover, ter iniciativa, não se resignar ao conforto do conhecido nem ceder à passividade. Acolher é ter a disposição habitual de estar sempre aberto às necessidades dos outros. José «é um protagonista corajoso e forte. O acolhimento é um modo pelo qual se manifesta, na nossa vida, o dom da fortaleza que nos vem do Espírito Santo»<sup>[2]</sup>. O santo patriarca é um homem fiel que se abre, antes de tudo, à voz de Deus. Mas também acolhe o claro-escuro da história em que se vê inserido, acolhe os desafios que o mundo e as pessoas à sua volta colocam à sua missão. «O realismo cristão, que não deita fora nada do que existe. A realidade, na sua misteriosa persistência e complexidade, é portadora dum sentido da existência com as suas luzes e sombras. É isto que leva o apóstolo Paulo a dizer: “Sabemos que tudo contribui para o bem daqueles que amam a Deus” (Rm 8, 28). E Sto. Agostinho acrescenta: tudo, “incluindo aquilo que é chamado mal”. Nesta perspetiva global, a fé dá significado a todos os acontecimentos, sejam eles felizes ou tristes»<sup>[3]</sup>.

S. Josemaria gostava de constatar que S. José procura continuamente a melhor forma de cumprir os desígnios divinos, que também se tornaram seus: «põe toda a sua experiência humana ao serviço da fé. Quando volta do Egito, ouvindo que Arquelau reinava na Judeia em vez de seu pai Herodes, temeu ir para lá. Aprendeu a mover-se dentro dos planos divinos e, como confirmação de que Deus quer o que ele pressentia, recebe a indicação de se retirar para a Galileia»<sup>[4]</sup>. No nosso caminho para cumprir a missão que Deus nos confiou, teremos avanços e retrocessos. Mas também em momentos que podem parecer maus, podemos descobrir a voz de Deus que

nos conforta, nos instrui e nos ilumina. «Acolher a vida desta maneira introduz-nos num significado oculto. A vida de cada um de nós pode recomeçar miraculosamente, se encontrarmos a coragem de a viver segundo aquilo que nos indica o Evangelho. E não importa se tudo parece ter tomado já uma direção errada, e se algumas coisas já são irreversíveis. Deus pode fazer brotar flores no meio das rochas»<sup>[5]</sup>.

---

«VEDE QUAL é o ambiente em que Cristo nasce sugeria-nos S. Josemaria. Tudo ali nos insiste nesta entrega sem condições: José uma história de duros acontecimentos, aliada à alegria de ser custódio de Jesus põe em causa a sua honra, a serena continuidade da sua obra, a tranquilidade do futuro; toda a sua existência é uma disponibilidade pronta para o que Deus lhe pede (...). Em Belém ninguém se reserva nada. Ali não se ouve falar da minha honra, nem do meu tempo, nem do meu trabalho, nem das minhas ideias, nem dos meus gostos, nem do meu dinheiro. Ali coloca-se tudo ao serviço do grandioso jogo de Deus com a humanidade»<sup>[6]</sup>. Para poder acolher a realidade e as outras pessoas tal como o santo patriarca fez, precisamos de nos abandonar na segurança de Deus ao invés da nossa; assim estaremos dispostos a aprender com todos e com tudo, também com os nossos erros, porque por trás descobriremos sempre um sussurro divino. «A vida espiritual que José nos mostra, não é um caminho que explica, mas um caminho que acolhe. Só a partir deste acolhimento, desta reconciliação, é possível intuir também uma história mais excelsa, um significado mais profundo»<sup>[7]</sup>.

S. José não ignorou o anúncio do anjo e partiu para os que lhe pareciam os melhores lugares para Jesus; também não discutiu com a sua esposa sobre qual deveria ter sido a reação dela ao saber que ia dar à luz um filho. Ao procurar uma pousada para o Menino que ia nascer, S. José não se lamentava em cada lugar onde não puderam ficar, nem quis ficar em Belém por teimosia, perante a ameaça de Herodes, por mais injusto que fosse ter que empreender caminho para o Egito. Em cada um destes acontecimentos, S. Josemaria nota que o patriarca «aprendeu a pouco e pouco que os planos sobrenaturais têm uma coerência divina, que às vezes está em contradição com os planos humanos»<sup>[8]</sup>. Por isso, precisamos de pedir a sabedoria do pai terreno de Jesus para aprender a compreender essa lógica divina; e

assim acolher, como vindos de Deus, as pessoas e acontecimentos que nos rodeiam.

---

## NOTAS

[1] Francisco, *Patris corde*, n. 4.

[2] *Ibid.*

[3] *Ibid.*

[4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 42

[5] Francisco, *Patris corde*, n. 4.

[6] S. Josemaria, Carta de 14/02/1974, n. 2.

[7] Francisco, Carta Apostólica *Patris corde*, n. 4.

[8] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 42

## 6º domingo de São José

*Sexta reflexão para meditar durante os sete domingos de São José. Os temas propostos são: dificuldades e criatividade na vida de José; a atitude ante os problemas de uma família comum; acolher a luz de Deus no quotidiano.*

### Sumário

- Dificuldades e criatividade na vida de S. José.
- A atitude perante os problemas de uma família comum.
- Acolher a luz de Deus no quotidiano.

---

A VIDA DE S. José não foi isenta de dificuldades, grandes e pequenas. De facto, o costume de viver de maneira especial os sete domingos anteriores à sua festa nasce para contemplar as suas sete alegrias, mas também as suas sete dores. Por exemplo, aquela em que Jesus, com a idade de doze anos, ficou no Templo em Jerusalém sem o conhecimento dos seus pais. Quando Maria o encontrou três dias depois, exclamou: «Filho, porque procedeste assim connosco? Eis que teu pai e eu te procurávamos cheios de aflição» (Lc 2, 48). A Escritura é clara: S. José tinha passado horas de aflição, tinha experimentado a angústia de quem não encontra o mais importante da sua vida. Há também, por exemplo, aquela dor do santo patriarca quando o anjo lhe diz: «Levanta-te, leva o menino e a sua mãe, fuge para o Egito e fica aí até que eu te avise, porque Herodes vai procurar o menino para o matar» (Mt 2, 13).

São palavras fortes que assustam, principalmente quando recebidas no meio da escuridão da noite. Por que razão um homem tão justo tinha que passar por estes e outros momentos difíceis? Por que razão alguém que tenta fazer as coisas com tanta delicadeza e honestidade às vezes pode parecer que passa por mais dificuldades do que outros? Ao contemplarmos os problemas pelos quais S. José passou, como encontrar um teto para Jesus ou ter que viver como um forasteiro, muitas vezes «perguntamo-nos por que

razão Deus não interveio direta e claramente. Mas Deus atua através de acontecimentos e pessoas. José foi o homem por meio do qual Deus assumiu o início da história da redenção. Ele foi o verdadeiro "milagre" com o qual Deus salvou o Menino e a sua mãe. O céu interveio confiando na coragem criadora deste homem»<sup>[1]</sup>.

S. José sabia que as dificuldades, além de que não são estranhas aos desígnios divinos, podem ser momentos de crescimento na intimidade com Deus e de crescimento pessoal em muitos aspetos. Embora, logicamente, não procuremos passar por este tipo de circunstâncias, elas inevitavelmente surgem, e então o santo patriarca pode ser um bom modelo e intercessor; pode ensinar-nos a tirar de nós mesmos a coragem e a criatividade para transformar o nosso ambiente e o nosso coração num lugar mais de Deus. São momentos em que o Senhor tem uma missão especial para nós, embora nem sempre a compreendamos plenamente.

---

OS PROBLEMAS DE Jesus, Maria e José eram também os problemas de uma família comum, como os que costumamos ter na nossa própria família, às vezes difíceis: deslocações entre cidades, mudanças de casa, perda de trabalho, ameaças, dúvidas... Em tantos aspetos, a vida de S. José foi uma vida normal e isso torna-o próximo de nós. Por exemplo, «o Evangelho não dá nenhuma informação sobre a época em que Maria, José e o Menino permaneceram no Egito. No entanto, o que é certo é que tiveram necessidade de comer, encontrar uma casa, um trabalho. Não é preciso muita imaginação para preencher o silêncio do Evangelho a esse respeito. A Sagrada Família teve que enfrentar problemas concretos como todas as outras famílias»<sup>[2]</sup>.

É verdade que Deus pode resolver muitos desses conflitos, antes e agora, mas na sua sabedoria divina não quis fazê-lo, deixou-o para nós. «De Deus é a sabedoria e a força, seus são o entendimento e o conselho» (Jb 12, 13). O seu milagre são as capacidades que concedeu a cada um, enriquecidas pelos dons do Espírito Santo.

S. Josemaria também experimentou dificuldades e sofrimentos para cumprir a sua missão de pai e guia de santos: a morte sucessiva de três

irmãs pequeninas, a humilhação da falência da empresa familiar, os mal-entendidos de alguns parentes próximos, a morte do seu pai pouco antes de receber a ordenação sacerdotal, etc. E, ao mesmo tempo, o Senhor abençoou-o com um temperamento humano e sobrenatural para dar vida ao projeto que Deus lhe havia confiado. Desta forma, age o Senhor com os seus. Certamente também nós dispomos – em maior ou menor abundância – desses dons para «confirmar nas almas e na sociedade a paz e a concórdia: a tolerância, a compreensão, o trato, o amor»<sup>[3]</sup>.

Pode servir-nos o exemplo de S. José, que era corajoso, pró-ativo, atento, sempre disposto a pôr em prática os milagres comuns que Deus lhe pedia. E podemos fixar-nos também na vida de S. Josemaria: embora nunca lhe faltassem problemas, foi uma profunda vida de fé que lhe permitiu ver por detrás de tudo a mão de Deus, que nunca nos abandona.

---

S. JOSEMARIA ensinava que a vida quotidiana pode ser uma oportunidade de encontro com Deus, com «algo santo, divino, escondido nas situações mais comuns, que cabe a cada um de vós descobrir»<sup>[4]</sup>. Portanto, a própria vida está imbuída de um sentido divino, não podemos ir até Deus sem encontrar o milagre do quotidiano. O Senhor quis esconder-se discretamente nas coisas normais dos nossos dias, sem imposições, para nos deixar verdadeiramente livres para O procurar. E fazem parte da vida quotidiana as pequenas dificuldades de cada dia: aquilo que não saiu como planeado, uma relação que gostaríamos de melhorar, as complexidades que surgem no nosso trabalho, etc. «Quando nos deparamos com um problema, podemos parar e baixar os braços, ou podemos tentar resolvê-lo de alguma forma. Às vezes, as dificuldades são justamente o que nos faz descobrir recursos que nem imaginávamos ter»<sup>[5]</sup>.

Essas circunstâncias também podem ser uma ocasião para pedir mais luz a Deus. Oferecem-nos a possibilidade de reforçar o nosso diálogo e a intimidade com o Senhor para nos fortalecermos a fim de realizarmos o seu desígnio de amor nas nossas circunstâncias. Tal como José sempre recebeu a palavra oportuna para enfrentar as dificuldades e assim cuidar da Sagrada Família, também nós podemos experimentar a proximidade e a voz do Senhor que anima e impele a dar carinho, paz, força, ânimo, a quem

precisa. «De José devemos aprender o mesmo cuidado e responsabilidade: amar o Menino e a sua mãe; amar os sacramentos e a caridade; amar a Igreja e os pobres. Em cada uma destas realidades está sempre o Menino e a sua mãe»<sup>[6]</sup>.

---

## NOTAS

[1] Francisco, *Patris corde*, n. 5.

[2] *Ibid.*

[3] S. Josemaria, *Carta* n. 3, n. 38.

[4] S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 114.

[5] Francisco, *Patris corde*, n. 5.

[6] *Ibid.*

## 7º domingo de São José

*Sétima reflexão para meditar durante os sete domingos de São José. Temas propostos: Jesus trabalhou junto de José; redescobrir o valor do trabalho; trabalho e oração, oração e trabalho.*

### Sumário

- Jesus trabalhou junto de José.
- Redescobrir o valor do trabalho.
- Trabalho e oração, oração e trabalho.

---

O EVANGELISTA S. Lucas resume a infância de Jesus dizendo que «o menino crescia e tornava-se forte, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava com ele» (Lc 2, 40). Um pouco mais tarde, sintetiza os anos de adolescência do Senhor destacando que «Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens» (Lc 2, 52). É surpreendente que um Deus onipotente quisesse experimentar o processo normal de crescimento humano. O Deus-homem viveu uma vida muito parecida com a dos outros habitantes de Nazaré. Aprendeu a lei e o ofício dos lábios e mãos de São José, talvez imitando -o. Também aprendeu a ler e a escrever, a tratar as pessoas, a descansar... Os dias de Jesus – tal como os dos seus vizinhos ou os nossos – devem ter girado em grande medida em torno das relações familiares, de amizade e trabalho. Talvez a oficina do seu pai tenha sido o local onde o Messias passou a maior parte da sua vida.

«Assim viveu Jesus durante seis lustros: era *fabri filius*, o filho do carpinteiro. Virão depois os três anos de vida pública, com o clamor das multidões. E as pessoas surpreendem-se: Quem é este? Onde aprendeu tantas coisas? Pois a sua vida tinha sido a vida comum do povo da sua terra»<sup>[1]</sup>, muito semelhante à de S. José. Esta realidade mostra-nos como o trabalho faz parte do plano de Deus para o homem. No Livro do Génesis, o ser humano é apresentado como o guardião do criado, capaz de transformar e embelezar o mundo, continuando o que o Criador o faz. O trabalho é,

portanto, uma realidade humana com a qual podemos contribuir para criar um ambiente, uma cidade, uma nação onde homens e mulheres possam ter um diálogo íntimo com Deus.

---

«PARA A GRANDE maioria dos homens, ser santo significa santificar o seu trabalho, santificar-se no trabalho e santificar os outros com o trabalho»<sup>[2]</sup>. Com estas palavras, o fundador do Opus Dei resumia uma parte da mensagem que Deus tinha pedido que recordasse aos cristãos. “Santificar o trabalho” é a expressão que chama mais a atenção. Por um lado, significa fazê-lo bem, com amor, prestando atenção aos detalhes, como qualquer pessoa honesta. Por outro lado, fazê-lo sabendo que na materialidade deste trabalho podemos compartilhar o modo de Deus amar a sua criação, ou seja, as pessoas e a realidade tangível em que elas vivem. Esta maneira expressa-se na proximidade, ternura, no inspirar sempre nova vida nas criaturas. Participar nesta missão leva-nos, de certa forma, a ser contemplativos no meio do mundo. «Todas as obras dos homens se fazem como num altar, dizia S. Josemaria, e cada um de vós, nessa união de almas contemplativas que é a vossa jornada, diz de algum modo a sua Missa, que dura vinte e quatro horas»<sup>[3]</sup>.

Uma consequência lógica deste encontro divino será fazê-lo sempre para servir os outros como filhos de Deus e fazer do nosso mundo um mundo melhor. «O trabalho é um elemento fundamental para a dignidade da pessoa. Para usar uma imagem, o trabalho ‘unge-nos’ de dignidade, enche-nos de dignidade; torna-nos semelhantes a Deus, que trabalhou e trabalha, agindo sempre (cf. Jo 5, 17)»<sup>[4]</sup>. Contudo, também aqui o pecado deixou a sua marca, por exemplo, quando o nosso trabalho se torna um fim, apenas para alcançar o reconhecimento social ou económico. «É indispensável que o homem não se deixe escravizar pelo trabalho, que não o idolatre, com a pretensão de encontrar nele o sentido último e definitivo da vida»<sup>[5]</sup>. S. João Paulo II também nos advertia contra uma visão do trabalho que só o considera «como mercadoria, uma fria lógica de ganho para poder adquirir bem-estar, consumir e assim continuar produzindo»<sup>[6]</sup>. Olhar para S. José, o mestre de Jesus no trabalho, pode ajudar-nos a redescobrir sempre o verdadeiro valor das nossas tarefas diárias; a não as transformar num fim terreno, mas descobrir ali aquele *quid divinum*, o algo divino que nos une a

Deus e nos coloca diante dos outros como intermediários dos bens e do cuidado de Deus – também material – para cada pessoa.

---

S. JOSEMARIA recorda numa homilia: «costumo dizer com frequência, nestes momentos de conversa com Jesus, que nos vê e nos escuta do Sacrário, não podemos cair numa oração impessoal. E explico que, para meditarmos de modo que se instaure imediatamente um diálogo com o Senhor – não é preciso nenhum ruído de palavras –, temos que sair do anonimato, colocar-nos na presença divina tal como somos (...). Pois bem: agora acrescento que também o teu trabalho deve ser oração pessoal, tem de converter-se num grande colóquio com o nosso Pai do Céu. Se buscas a santificação em e através da tua atividade profissional, terás necessariamente de esforçar-te para que se converta numa oração sem anonimato»<sup>[7]</sup>.

Transformar cada hora do nosso trabalho numa hora de oração não é necessariamente questão de acrescentar orações vocais ou lembretes piedosos durante a nossa atuação profissional. Rezar com o nosso trabalho é – além de o alimentar com uma vida interior cultivada noutros momentos – ter consciência de que, em certo sentido, somos as mãos e ouvidos do Senhor que, através de uma determinada tarefa material ou intelectual, ouvimos, acolhemos, cuidamos das pessoas e da criação que nos foi confiada.

Numa ocasião, perguntaram a S. Josemaria: «Sou cirurgião e tenho dez filhos. Há quinze anos que o espírito da Obra é o meu guia e a minha força. Mas há dias em que a vida profissional nos tira todo o tempo. Que fazer para continuar a santificar-se e para cuidar da casa?». Ao que o fundador do Opus Dei respondeu: «Mas, quando atendes os doentes, que fazes senão um trabalho quase sacerdotal? És quase um sacerdote, e tens alma de sacerdote. Curas as feridas do corpo e, ao mesmo tempo, as da alma. Apenas com o teu olhar, com o teu modo de tratar os doentes, com uma palavra, com um sorriso afetuosos. Da manhã à noite e da noite até à manhã, estás com Deus»<sup>[8]</sup>. Por isso, com a festa do patriarca tão próxima, podemos recorrer a ele para podermos colaborar com o Senhor da melhor maneira através do nosso trabalho. «Dirijamos-lhe a nossa oração: (...) *Ó Bem-aventurado*

*José, mostrai-vos pai também para nós e guiai-nos no caminho da vida. Alcançai-nos graça, misericórdia e coragem»<sup>[9]</sup>.*

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 14.

[2] S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 55.

[3] S. Josemaria, Notas de uma meditação, 19/03/1968.

[4] Francisco, Audiência Geral, 01/05/2013.

[5] Bento XVI, Homilia, 19/03/2006.

[6] S. João Paulo II, Audiência Geral, 01/05/1984.

[7] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 54.

[8] S. Josemaria, Notas tiradas numa reunião familiar em Valência, 17/11/1972. É possível ver um trecho deste diálogo no vídeo.

[9] Francisco, *Patris corde*, Epílogo.

## 19 de março, São José

*Reflexão para meditar no dia 19 de março, Solenidade de S. José. Os temas propostos são: a oração de José anima as suas ações; uma oração que põe o olhar em Jesus; o patriarca atua com a liberdade e a confiança que o amor dá.*

### Sumário

- Jesus trabalhou junto de José.
- Redescobrir o valor do trabalho.
- Trabalho e oração, oração e trabalho.

---

O EVANGELISTA S. Lucas resume a infância de Jesus dizendo que «o menino crescia e tornava-se forte, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava com ele» (Lc 2, 40). Um pouco mais tarde, sintetiza os anos de adolescência do Senhor destacando que «Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens» (Lc 2, 52). É surpreendente que um Deus onnipotente quisesse experimentar o processo normal de crescimento humano. O Deus-homem viveu uma vida muito parecida com a dos outros habitantes de Nazaré. Aprendeu a lei e o ofício dos lábios e mãos de São José, talvez imitando -o. Também aprendeu a ler e a escrever, a tratar as pessoas, a descansar... Os dias de Jesus – tal como os dos seus vizinhos ou os nossos – devem ter girado em grande medida em torno das relações familiares, de amizade e trabalho. Talvez a oficina do seu pai tenha sido o local onde o Messias passou a maior parte da sua vida.

«Assim viveu Jesus durante seis lustros: era *fabri filius*, o filho do carpinteiro. Virão depois os três anos de vida pública, com o clamor das multidões. E as pessoas surpreendem-se: Quem é este? Onde aprendeu tantas coisas? Pois a sua vida tinha sido a vida comum do povo da sua terra»<sup>[1]</sup>, muito semelhante à de S. José. Esta realidade mostra-nos como o trabalho faz parte do plano de Deus para o homem. No Livro do Génesis, o ser humano é apresentado como o guardião do criado, capaz de transformar

e embelezar o mundo, continuando o que o Criador o faz. O trabalho é, portanto, uma realidade humana com a qual podemos contribuir para criar um ambiente, uma cidade, uma nação onde homens e mulheres possam ter um diálogo íntimo com Deus.

---

«PARA A GRANDE maioria dos homens, ser santo significa santificar o seu trabalho, santificar-se no trabalho e santificar os outros com o trabalho»<sup>[2]</sup>. Com estas palavras, o fundador do Opus Dei resumia uma parte da mensagem que Deus tinha pedido que recordasse aos cristãos. “Santificar o trabalho” é a expressão que chama mais a atenção. Por um lado, significa fazê-lo bem, com amor, prestando atenção aos detalhes, como qualquer pessoa honesta. Por outro lado, fazê-lo sabendo que na materialidade deste trabalho podemos compartilhar o modo de Deus amar a sua criação, ou seja, as pessoas e a realidade tangível em que elas vivem. Esta maneira expressa-se na proximidade, ternura, no inspirar sempre nova vida nas criaturas. Participar nesta missão leva-nos, de certa forma, a ser contemplativos no meio do mundo. «Todas as obras dos homens se fazem como num altar, dizia S. Josemaria, e cada um de vós, nessa união de almas contemplativas que é a vossa jornada, diz de algum modo a sua Missa, que dura vinte e quatro horas»<sup>[3]</sup>.

Uma consequência lógica deste encontro divino será fazê-lo sempre para servir os outros como filhos de Deus e fazer do nosso mundo um mundo melhor. «O trabalho é um elemento fundamental para a dignidade da pessoa. Para usar uma imagem, o trabalho ‘unge-nos’ de dignidade, enche-nos de dignidade; torna-nos semelhantes a Deus, que trabalhou e trabalha, agindo sempre (cf. Jo 5, 17)»<sup>[4]</sup>. Contudo, também aqui o pecado deixou a sua marca, por exemplo, quando o nosso trabalho se torna um fim, apenas para alcançar o reconhecimento social ou económico. «É indispensável que o homem não se deixe escravizar pelo trabalho, que não o idolatre, com a pretensão de encontrar nele o sentido último e definitivo da vida»<sup>[5]</sup>. S. João Paulo II também nos advertia contra uma visão do trabalho que só o considera «como mercadoria, uma fria lógica de ganho para poder adquirir bem-estar, consumir e assim continuar produzindo»<sup>[6]</sup>. Olhar para S. José, o mestre de Jesus no trabalho, pode ajudar-nos a redescobrir sempre o verdadeiro valor das nossas tarefas diárias; a não as transformar num fim

terreno, mas descobrir ali aquele *quid divinum*, o algo divino que nos une a Deus e nos coloca diante dos outros como intermediários dos bens e do cuidado de Deus – também material – para cada pessoa.

---

S. JOSEMARIA recorda numa homilia: «costumo dizer com frequência, nestes momentos de conversa com Jesus, que nos vê e nos escuta do Sacrário, não podemos cair numa oração impessoal. E explico que, para meditarmos de modo que se instaure imediatamente um diálogo com o Senhor – não é preciso nenhum ruído de palavras –, temos que sair do anonimato, colocar-nos na presença divina tal como somos (...). Pois bem: agora acrescento que também o teu trabalho deve ser oração pessoal, tem de converter-se num grande colóquio com o nosso Pai do Céu. Se buscas a santificação em e através da tua atividade profissional, terás necessariamente de esforçar-te para que se converta numa oração sem anonimato»<sup>[7]</sup>.

Transformar cada hora do nosso trabalho numa hora de oração não é necessariamente questão de acrescentar orações vocais ou lembretes piedosos durante a nossa atuação profissional. Rezar com o nosso trabalho é – além de o alimentar com uma vida interior cultivada noutros momentos – ter consciência de que, em certo sentido, somos as mãos e ouvidos do Senhor que, através de uma determinada tarefa material ou intelectual, ouvimos, acolhemos, cuidamos das pessoas e da criação que nos foi confiada.

Numa ocasião, perguntaram a S. Josemaria: «Sou cirurgião e tenho dez filhos. Há quinze anos que o espírito da Obra é o meu guia e a minha força. Mas há dias em que a vida profissional nos tira todo o tempo. Que fazer para continuar a santificar-se e para cuidar da casa?». Ao que o fundador do Opus Dei respondeu: «Mas, quando atendes os doentes, que fazes senão um trabalho quase sacerdotal? És quase um sacerdote, e tens alma de sacerdote. Curas as feridas do corpo e, ao mesmo tempo, as da alma. Apenas com o teu olhar, com o teu modo de tratar os doentes, com uma palavra, com um sorriso afetuosos. Da manhã à noite e da noite até à manhã, estás com Deus»<sup>[8]</sup>. Por isso, com a festa do patriarca tão próxima, podemos recorrer a ele para podermos colaborar com o Senhor da melhor maneira através do

nosso trabalho. «Dirijamos-lhe a nossa oração: (...) *Ó Bem-aventurado José, mostrai-vos pai também para nós e guiai-nos no caminho da vida. Alcançai-nos graça, misericórdia e coragem*»<sup>[9]</sup>.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 14.

[2] S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 55.

[3] S. Josemaria, Notas de uma meditação, 19/03/1968.

[4] Francisco, Audiência Geral, 01/05/2013.

[5] Bento XVI, Homilia, 19/03/2006.

[6] S. João Paulo II, Audiência Geral, 01/05/1984.

[7] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 54.

[8] S. Josemaria, Notas tiradas numa reunião familiar em Valência, 17/11/1972. É possível ver um trecho deste diálogo no vídeo.

[9] Francisco, *Patris corde*, Epílogo.